

08/10/2018 - 05:00

## Gestoras de private equity adiam captação externa

Por **Maria Luíza Filgueiras**

Ao menos três fundos de private equity adiaram o encerramento ("closing", no jargão em inglês do mercado) de parte da captação internacional de novos fundos até o fim das eleições e a definição de perspectivas econômicas para o país conforme o governo eleito. O **Valor** apurou que as gestoras Pátria Investimentos, Kinea e Vinci Partners fizeram alterações em suas estratégias de captação a pedido de investidores estrangeiros.

"Estávamos passando a maior parte do tempo nas reuniões com investidores respondendo questões políticas e não sobre teses de investimento", afirma o diretor de uma grande gestora.

O Pátria fez um primeiro fechamento do fundo em janeiro, quando captou US\$ 484 milhões, e havia previsão, segundo uma fonte, de novo fechamento entre julho e agosto, o que ainda não aconteceu. A gestora não teve dificuldade de levantar capital e já havia chegado a US\$ 2,3 bilhões totais no meio do ano, mas teve solicitação de alguns investidores internacionais para aguardar as eleições para o fechamento do fundo. "A maior parte do dinheiro já foi levantada, mas há cerca de 20% atrelados a essa definição eleitoral", afirma uma fonte com conhecimento do assunto.

Conforme outra fonte, a gestora Kinea levantou R\$ 1,5 bilhão com investidores nacionais e encerrou a primeira rodada com esse montante. A gestora, que tem como acionista o banco Itaú, já tinha planejado uma captação majoritariamente doméstica. A parte internacional de captação, no entanto, ficou para o início de 2019. Esse montante deve responder por cerca de 20% a 25% do novo fundo, apurou o **Valor**. É apenas um montante complementar, uma vez que o fundo não deve passar de R\$ 2 bilhões.

Já no caso da gestora Vinci Partners, a primeira rodada de captação foi feita no montante de US\$ 500 milhões e a gestora já começou a investir o capital. O que teve ajuste, conforme duas fontes, foi o segundo fechamento. "Estava previsto para início de dezembro, mas é mais provável que ocorra no primeiro trimestre de 2019", diz uma das fontes. A intenção da gestora é elevar o tamanho do fundo a US\$ 850 milhões, de acordo com a fonte.

Executivos de mercado apontam que investidores estrangeiros têm ficado "confusos" com a interpretação de cenários para o Brasil, inclusive nas últimas semanas. "Nas conversas com gestores, eles entendiam que o candidato mais favorável ao mercado era o Jair Bolsonaro, aí veio a capa da revista 'The Economist' apontando o mesmo candidato como uma ameaça à democracia e ao mercado", conta um assessor financeiro que faz intermediação entre gestoras e investidores no exterior. "Tivemos uma enxurrada de ligações e questionamentos dos estrangeiros por conta disso", afirma.

Na semana seguinte, com o crescimento do candidato em pesquisas eleitorais, o real se valorizou e a bolsa subiu, dando novamente indicações contraditórias para esse perfil de investidor, pondera o executivo.

"Mas, de forma geral, a maioria dos investidores se importa pouco com o nome ou partido específico. O que importa para eles é a perspectiva de continuidade de reformas ou não", complementa um gestor.